

**PARANINFO — DISCURSO PARA TURMA SÉRGIO BERNARDES
FAU/UFRJ — 2^o/97 — EM 08/03/1998 — PALÁCIO DA CULTURA**

Sra. Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, Prof. Maria Angela Dias;
Senhores membros da Congregação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ;
Autoridades presentes ou representadas;
Colegas Professores e Funcionários homenageados;
Senhoras e Senhores,
Queridos Afilhados.

Foi com grande alegria e preocupação que recebi o convite para ser o seu padrinho.

Alegria, por considerar que o reconhecimento público dos seus alunos é o maior presente que um educador pode vir a receber.

Preocupação, com a ambigüidade da palavra escrita. Nunca desejei tanto ser incorporado pelo espírito de *Gigolô das palavras* de Luis Fernando Veríssimo, para quem a gramática tem que apanhar todo o dia para saber quem é que manda: “*escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo... o importante é comunicar. (E quando possível surpreender, divertir, comover ... Mas aí entramos na área do talento)*”. Segundo ele, “*um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa!*”

Esta preocupação com a comunicação escrita é compartilhada com SAINT-EXUPÉRY. Dizia ele: “*a única coisa que me angustia e me pesa, assim como a única resposta que me pode reanimar e ajudar a servir: QUE VIRÁ MEU LIVRO A SER NAQUELE QUE O LÊ?*” Esta questão é demonstrada de forma exemplar em *O Pequeno Príncipe*, quando o menino desenha uma gibóia que havia engolido um elefante e frustra-se com a ignorância e insensibilidade das pessoas adultas entenderem seu desenho, pensando ser um chapéu. Espero, sinceramente, que minhas idéias não se transformem em um chapéu.

Queridos afilhados: Em lugar de falar de arquitetura, proponho uma reflexão sobre duas palavras fundamentais para nossas vidas e para a própria sobrevivência do planeta: são elas

ESPERANÇA

e

COMPROMISSO

Talvez alguns de vocês me considerem um sonhador, por querer falar em **ESPERANÇA** e em **COMPROMISSO** nestes tempos do capital sem pátria, do dinheiro sem ética, das aplicações sem fronteiras nem passaportes; nestes tempos da política de resultados, onde até o altruísmo se torna pragmático, onde a ganância impede que grandes contingentes de seres humanos vivam com um mínimo de dignidade. Mas como o patrono que vocês escolheram, além de renomado arquiteto, é um adorável sonhador, resolvo correr este risco.

Sendo esta cerimônia a celebração do início de uma nova etapa em suas vidas, a primeira coisa que me vêm à cabeça é

ESPERANÇA,

uma das mais lindas palavras da língua portuguesa, que significa **desejo, fé, confiança** ... palavra associada a **futuro**, a **sonho** ... e **vocês** são nossa **ESPERANÇA** na construção de um **FUTURO MELHOR...**

Mas como é possível falar de **ESPERANÇA**, quando assistimos ao avanço inexplicável da miséria e da pobreza, à degradação crescente do meio ambiente, e à explosão da violência étnica e tribal que se tornou a marca registrada da era pós-guerra fria?

Como falar de **ESPERANÇA**, quando a maioria de nós concorda com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com o nosso mundo superpovoado e globalmente interligado?

Como falar de **ESPERANÇA**, quando vivemos em um país que, juntamente com o Nepal e a Costa do Marfim, apresenta um dos maiores abismos entre ricos e pobres? Um país que, juntamente com Tailândia e Serra Leoa, ocupa a “lanterna” em termos de % do PIB destinado a prioridades humanas?

Como falar de **ESPERANÇA** quando vivemos em uma cidade sem lei e sem ordem, onde imperam as brigas de quadrilhas, os assaltos, os seqüestros, as enchentes, os engarrafamentos, os desmoronamentos e os desabamentos? Uma cidade com suas praias poluídas, suja, fétida, com suas encostas comprometidas e com suas áreas livres infestadas por cães ferozes que nelas circulam livremente ao lado de seus donos?

Como falar de **ESPERANÇA** quando trabalhamos ou estudamos em universidades que se tornaram reféns de políticos e de tecnocratas que acreditam que "*devemos pensar que existem instituições que vão oferecer só ensino*"?

Como falar de **ESPERANÇA** quando ministros tratam a educação como **INVESTIMENTO A SER USUFRUÍDO POR ALGUNS**, e não como **DIREITO DE TODOS OS SEUS CIDADÃOS**?

Como falar de **ESPERANÇA** quando os próprios governantes, servidores públicos aposentados que usufruem vantagens incorporadas a seus proventos — salário integral, promoção, incorporação de gratificações por exercício de função, proventos acumulados — lutam por tirar estes benefícios dos demais servidores na ativa, modificando as regras contratuais em plena vigência, sem no entanto, abdicar dos seus benefícios idênticos?

Como falar de **ESPERANÇA** quando se trabalha ou se estuda em uma instituição onde lideranças conservadoras ou corporativas impedem que sejam realizadas as mudanças necessárias a tornar a universidade capaz de promover por sua conta mudanças significativas na sociedade? Uma universidade que (a exemplo de tantas coisas da vida e dos sonhos dos homens), continua aprisionada à sua dupla dimensão do valor capitalista:

a) valer como alguma coisa cuja posse se detém para uso próprio ou de grupos reduzidos, que se vende e compra?

b) valer como um instrumento de controle das pessoas, das classes sociais subalternas, pelo poder de difusão das idéias de quem controla o seu exercício?

Uma universidade onde a educação é tratada como instrumento dos interesses políticos postos sobre a educação?

Uma universidade esquecida de que a educação pertence do mesmo modo a TODOS, de que, ao contrário, o seu saber e o seu trabalho devem ser para o uso de TODOS?

Uma universidade que, em vez de atribuir *poder*, atribui *compromissos* entre as pessoas?

Como falar de **ESPERANÇA** quando, parafraseando CARL JUNG, "*nosso intelecto criou um novo mundo que domina a natureza, e ainda a povoou de máquinas monstruosas. Estas máquinas são tão incontestavelmente úteis que nem podemos imaginar a possibilidade de nos descartarmos delas ou de escapar à subserviência a que nos obrigam. O homem não resiste às solicitações aventureiras de sua mente científica e inventiva, nem cessa de congratular-se consigo mesmo pelas suas esplêndidas conquistas. Ao mesmo tempo, sua genialidade revela uma misteriosa tendência para inventar coisas cada vez mais perigosas, que representam instrumentos cada vez mais eficazes de suicídio coletivo.*"?

Como falar de **ESPERANÇA**, se vivemos em um mundo que está "*passando para uma etapa do 'capitalismo' (capitalismo de consumo), da 'industrialização' (sociedade da informação ou sociedade pós-industrial) ou da 'modernidade' (alta modernidade ou pós-modernidade) suficientemente nova e distinta para justificar um novo conceito que reorienta nossa atenção, um mundo que nos leva a enfrentar a possibilidade de que não foi a 'realidade' que mudou, mas sim nossa percepção dela*"? (Mike FEATHERSTONE)

Como falar de **ESPERANÇA** quando grande contingente de cientistas, em lugar de atuar no sentido de promover ou de preservar a vida, atua no sentido de destruí-la? Observação que explicita com clareza

assustadora o equívoco que têm permeado nosso “desenvolvimento” e que têm colocado em risco a própria sobrevivência das futuras gerações?

Como falar de **ESPERANÇA** quando, parafraseando Hazel HENDERSON, “a maioria das experiências de urbanização, nacionalização e governo aglutinado de amplas e diversificadas regiões e etnias foi insatisfatória ... [quando] todas as tentativas de sintetizar ideologias capazes de arregimentar a lealdade de muitos e organizar amplos esforços produtivos mostraram-se instáveis, seja ao redor de reis, generais ou líderes religiosos; instáveis os grandes empreendimentos do Estado, as cruzadas ou até mesmo a promoção da xenofobia, que se vê em toda parte. Essas tentativas culminaram em esforços organizadores chocantes, como o Terceiro Reich de Hitler, as duas guerras mundiais, os Gulags de Stalin e a China de Mao. Agora o jogo mudou irrevogavelmente e nós, seres humanos, precisamos aprender a superar nossos deficientes sistemas de crenças, todos os “ismos”, desde o nacionalismo até as intolerâncias religiosas, o comunismo, o capitalismo e mesmo o industrialismo.”?

Para alguns pensadores contemporâneos, estas questões estão relacionadas ao sistema de idéias e valores fundados no paradigma [dominante] da racionalidade científica, da visão mecânica e inorgânica da ciência, derivado da cosmovisão cartesiana,

- a) que reduz os mistérios do universo e de nosso planeta a um gigantesco “relógio” ou a um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares;
- b) que reduz o corpo humano a uma máquina que poderia ser racionalmente compreendida,
- c) que levou a uma especialização e a uma fragmentação progressiva das disciplinas acadêmicas,
- d) que considera a vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência;
- e) que acredita no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico, acentuando a ênfase na tecnologia e nos métodos de produção industriais?

Como falar de **ESPERANÇA** se, durante os últimos séculos, temos encarado a Terra como matéria inerte a ser explorada e manipulada e o ambiente construído como um “mundo morto”, inanimado, fragmentado? Se subvertemos todo saber até então acumulado, substituindo os limites naturais do habitável pelos limites técnicos, econômicos e políticos, cujas formas são ajustadas às novas tecnologias, tornando as cidades impessoais, desumanas, frias; Se seus edifícios são cada vez mais dependentes dos aparelhos e da energia que os alimenta? Se a função do espaço passa a ser de distribuição ordenada dos indivíduos e dos serviços?

Fundado na cosmovisão cartesiana, que o faz acreditar que:

- a) o mundo material e secular poderia ser estudado e manipulado para os propósitos humanos;
- b) os sonhos do paraíso poderiam se realizar aqui na Terra, e não apenas nos Céus;
- c) o poderoso método de investigação “reducionista” (compreender o todo através do exame de suas partes) poderia, parafraseando Francis Bacon, “forçar a natureza a revelar os seus segredos ao homem,”

o homem modifica o meio ambiente a tal ponto que começa a ficar fora de sintonia com sua base biológica, num grau maior que o de qualquer outra cultura e qualquer outro grupo de pessoas no passado. Como bem observa Carl JUNG, “à medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização de nosso mundo ... o homem sente-se cada vez mais isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu sua “*identificação emocional inconsciente*” com os fenômenos naturais e com suas implicações simbólicas ... o trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Plantas, pedras e animais já não tem vozes para falar ao homem e o homem não se dirige a eles na presunção de que possam entendê-lo. Acabou-se o seu contrato com a natureza e, com ele, foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava.”

Como falar de **ESPERANÇA** quando a “*expansão da economia destrói a beleza das paisagens com edifícios medonhos, polui o ar, envenena os rios e os lagos. Mediante um condicionamento psicológico implacável, ela rouba das pessoas o seu senso de beleza, enquanto gradualmente destrói aquilo que há de belo em seu meio ambiente?*” (SCHUMACHER)

Estou certo de que estamos imersos em uma crise de **ESPERANÇA** que é, fundamentalmente, fruto de uma crise de percepção. Se deixarmos de olhar o mundo a partir de uma visão homocêntrica, se considerarmos que o homem é apenas um dos tantos bilhões de seres vivos que habitam o planeta Terra ou até mesmo o Universo, se conhecermos as teorias recentes sobre a origem do universo, veremos que ao longo de toda a história da evolução, tem havido extensos *períodos pontuados* de estabilidade por súbitas e dramáticas transições ... veremos que o Universo está em permanente evolução ... em crescente evolução ... apesar da extinção de diversas espécies, algumas vezes de forma devastadora, **CONTINUAMOS EVOLUINDO!**

Na verdade, para termos **ESPERANÇA**, precisamos apenas de um novo horizonte conceitual da ciência e da vida, inicialmente formulado a partir da teoria da relatividade, da física quântica e do construtivismo — o mundo observado não existe objetivamente; é um mundo criado no processo do conhecimento — passando por Ilya PRIGOGINE, que propõe uma mudança de processos reversíveis deterministas para processos indeterminados e irreversíveis; e, finalmente, chegando à nova concepção de cognição de Humberto Maturana e Francisco Varela que revoluciona o processo do conhecer que, ao afirmar que “*o mundo é gerado no processo de conhecimento*”, coloca por terra o conceito simplicador e generalista de realidade.

Estas novas concepções permitem formular um novo **horizonte** para a palavra **ESPERANÇA**.

COMO A NOÇÃO DE HORIZONTE É FUNDAMENTAL PARA A COMPREENSÃO DE MEU PONTO DE VISTA, recorro a uma linda metáfora do monge beneditino David STEIDL-RAST, para explicitar meu ponto de vista: “*o horizonte é parte inseparável da paisagem. Não pode haver uma paisagem sem um horizonte, nem um horizonte sem uma paisagem. Mas o horizonte não é a paisagem. O horizonte recua à medida que você caminha em direção a ele e ele continua sendo o horizonte; à medida que você se move, o horizonte muda, e portanto ele não é, na realidade, alguma coisa absoluta. É um conceito que muda.* Tenho certeza de que esta metáfora pode ser aplicada na formulação de um novo conceito dinâmico de ciência ou até mesmo, na compreensão do sentido ou do significado da vida.

A prova de que o **universo do qual somos parte está em evolução**, está no fato de a humanidade nunca viveu período tão rico e criativo, caracterizado pela ruptura das fronteiras do conhecimento, que muda em velocidade acelerada. E por estes fatores que **acredito**, tenho **fé**, tenho **ESPERANÇA** de que vocês ultrapassem estas fronteiras do conhecimento, que contribuam para o rompimento dos limites estreitos e estanques das disciplinas acadêmicas.

É preciso aprender com Boaventura de Sousa Santos que a ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e que não há sequer qualquer razão científica para considerá-la melhor do que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia; que aprendam que a ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; que seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério da imaginação pessoal do cientista. **A incerteza do conhecimento transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado.**

É preciso que vocês enfatizem a vida e preconizem a necessidade de uma verdadeira ciência da consciência para lidar com qualidades e não com quantidades; uma ciência que se baseie em experiências partilhadas e não em mensurações verificáveis, conferindo um novo significado ao conjunto de pensamentos, percepções e valores da realidade.

É preciso que vocês acreditem que todo o universo se acha interconectado e hierarquicamente organizado de forma não linear; que está composto por matéria e energia, por seres vivos e não vivos, por mente, corpo e espírito. É preciso que aceitem que todas estas coisas referem-se a diferentes níveis do mesmo sistema unificado.

Queridos afilhados: ao projetarem seus edifícios e cidades, considerem a hipótese de que um edifício, seu meio ambiente e seus usuários são um único e mesmo organismo vivo que não pode ser reduzido a entidades fundamentais da matéria; considerem que um organismo é um sistema auto-organizador cuja ordem não é imposta pelo meio ambiente externo [concepção projetual], mas estabelecida pelo próprio sistema [coletivo].

Ao projetarem, tenham em mente a recomendação de R. D. LAING, no sentido de que a ciência [arquitetura] passe da intenção de dominar e controlar a natureza para com ela interagir.

Ao projetarem, lembrem-se de que o homem tornou-se tão obcecado pelo conhecimento racional, pela objetividade e pela quantificação, que sente extrema insegurança ao lidar com a experiência e com os valores humanos.

Ao projetarem, lembrem-se de que “*o comportamento humano, essência da arquitetura, não se compõe apenas de medidas, mas de cerimônias que ocupam um determinado espaço físico e um espaço psicológico, e que desta cerimônia está feita a vida.*” (Rodolfo LIVINGSTON)

Ao projetarem, lembrem-se de que a arquitetura deve fundamentar-se na definição de sociedade sustentável de Lester BROWN:

“SOCIEDADE SUSTENTÁVEL É AQUELA QUE SATISFAZ SUAS NECESSIDADES SEM DIMINUIR AS PERSPECTIVAS DAS GERAÇÕES FUTURAS”.

Agindo desta forma, é possível acreditar na possibilidade de desenvolver um **novo** sistema de pensar o ambiente construído, fundado em um **novo paradigma** que reconheça a incerteza e que atente para as pessoas e para todas as formas de vida, **compromissado** com o futuro.

Ah! Finalmente, aparece a segunda palavra de meu discurso:

COMPROMISSO!

no sentido a ele conferido por Paulo FREIRE: “*não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo estático e imutável. Se este olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques. Se não a vê e não a capta como uma totalidade, cujas partes se encontram em permanente interação. Daí sua ação não poder incidir sobre as partes isoladas, pensando que assim transforma a realidade, mas sobre a totalidade. É transformando a totalidade que se transformam as partes e não o contrário. No primeiro caso, sua ação, que estaria baseada numa visão ingênua, meramente “focalista” da realidade, não poderia constituir um compromisso.*”

Evitem “*julgar-se profissionais “habitantes” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que deve ser doado aos “ignorantes e incapazes”.* Evitem considerar-se habitantes de um gueto, de onde saem messiânicamente para salvar os “perdidos, que estão fora. Se procederem assim, não estarão se comprometendo verdadeiramente como profissionais nem como homens. Simplesmente estarão se alienando.” (Paulo FREIRE)

Em contrapartida, considerem a possibilidade de tornarem-se **TERAPEUTAS DO AMBIENTE CONSTRUÍDO** — do grego ‘*therapeutes*’, “servidor” ou “assistente”, especialista em prestar atenção e em ter consciência de uma situação.

Compartilhem suas técnicas com os cidadãos, dêem um novo significado ao conjunto de pensamentos, percepções e valores da realidade, firmem um novo **COMPROMISSO**: em lugar de criadores [divinos], sejam **INTÉRPRETES** do ambiente construído e de seus problemas.

Procurem *traduzir* em planos e projetos a **VONTADE COLETIVA**; procurem entender que nossos interesses individuais são idênticos aos interesses de toda a espécie humana e aos interesses de todas as outras formas de vida deste Planeta.

A busca de um **PARADIGMA ECOLÓGICO** — que estude as relações que interligam todos os membros do Lar Terra — **E SISTÊMICO** — do grego *synhistanai* [colocar junto], possibilita considerar tanto o universo como o ambiente construído um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes; cada fenômeno [parte] somente pode ser compreendido dentro do contexto maior [todo]; as propriedades essenciais de um organismo são propriedades do todo do qual ele é parte indissociável; nenhuma das partes do organismo possui estas propriedades isoladamente.

Lembrem-se de que, diferentemente do que preconizam o método e as crenças cartesianos, as propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados. Lembrem-se de que, para o pensador sistêmico, o fundamental são as relações. Segundo HEISENBERG, “*a ciência natural não descreve nem explica simplesmente a natureza; ela é parte da mútua interação entre nós e a natureza*”.

Roland FISCHER explica magistralmente esta interação: “*a doçura que saboreamos num torrão de açúcar não é propriedade nem do açúcar nem de nós mesmos. Estamos produzindo a experiência da doçura no processo de interagirmos com o açúcar*”. Conforme LAING, “*se o universo todo for como a doçura do açúcar, que não está nem no observador nem na coisa observada, e sim na relação entre ambas, como é possível falar em universo observado?*”.

Esta visão de mundo reconhece o valor inerente da vida não-humana; o homem deixa de ser o “centro do universo”, a referência, para tornar-se parte ... o mesmo acontece com o ambiente construído, que deixa de ser finalidade para tornar-se parte de um todo, cujo sentido somente lhe pode ser atribuído a partir de suas relações com o ambiente e com seus ocupantes.

Se estendermos esta raciocínio para a escala planetária, é possível superar as atuais limitações, indo além das teorias econômicas — que concebem nações competindo no mercado global através de vantagens comparativas ou do protecionismo. Em uma nova era de interdependência global, em lugar da concorrência em torno de uma estreita gama de bens, tal como ocorre em nossos dias com automóveis e produtos eletrônicos, é possível prever estratégias que possibilitem aos países praticarem duas outras estratégias importantes:

- a) a *cooperação*, quando os bens comuns exigem regras em que todos ganhem, tais como as que valem na exploração espacial; e, mais importante,
- b) a *criatividade*, isto é, repensar o próprio jogo.

Em lugar de tentar impor uma conformidade industrial a todos os parceiros comerciais, a ponto de homogeneizar todos os valores sociais e culturais de todos os povos; se aprendermos que cada cultura [país] e seu próprio ecossistema produzem dádivas singulares a serem oferecidas no comércio mundial, o jogo se deslocará **da compra e venda de bens para a especialização, para a técnica e para as inovações sociais**.

Este modelo de “nicho cultural” derivado da teoria *ecológica* (onde a diversidade é um princípio básico), espelha a cooperação e a simbiose que, na Natureza, são tão comuns quanto a competição: **COMPETIÇÃO, COOPERAÇÃO E CRIATIVIDADE SÃO TODAS ESTRATÉGIAS IMPORTANTES, APROPRIADAS EM VÁRIAS CIRCUNSTÂNCIAS**.

Em lugar de impor uma arquitetura estandardizada a todos os países, em lugar de homogeneizar o ambiente construído, é preciso produzir uma arquitetura adequada e específica a cada cultura [país] e a seu ecossistema. **EM LUGAR DA PADRONIZAÇÃO, A DIVERSIDADE**.

Tenho a **ESPERANÇA** de que, em breve, será possível que consigamos firmar um **COMPROMISSO** com a vida, compromisso expresso com rara beleza e poesia por um dos maiores cientistas deste século, Gregori BATESON:

“Em minha vida, coloquei as descrições de pedras, paus e bolas numa caixa ... e as deixei ali. Na outra caixa, coloquei coisas vivas: caranguejos, pessoas, problemas sobre o belo ... [e mais adiante], ... a lógica formal é um instrumento muito elegante, e fizemos bom uso dela nesses últimos dois mil anos. O problema é que, quando aplicamos aos caranguejos e às tartarugas, às borboletas e à formação do hábito ... bem, para todas essas coisas lindas, a lógica simplesmente não serve.”

Tenho a **CERTEZA** de que este compromisso com o futuro, possibilitará virarmos mais uma **PÁGINA DE HISTÓRIA**, tão bem caracterizada pelo poeta Mário Quintana:

De uma *História Universal* editada no século XXXIII:

“Os homens do século XX,

talvez por motivos que só a miséria explicaria,
costumavam aglomerar-se inconfortavelmente
em enormes cortiços de cimento.

Alguns atribuem o fato a não se sabe que misterioso pânico
ao simples contato com a natureza;

mas isso é matéria de ficcionista, místicos e poetas ...

O historiador sabe apenas que chegou a haver, em certas grandes áreas,
conjuntos de cortiços erguidos lado a lado
sem o suficiente espaço e arejamento,
que poderiam alojar vários milhões de indivíduos.

Era, por assim dizer, uma vida de insetos — mas sem a segurança que apresentam as habitações construídas por estes.”

QUERIDOS AFILHADOS:

**FOI UM PRIVILÉGIO TÊ-LOS COMO ALUNOS!
SERÁ UMA HONRA TÊ-LOS COMO COLEGAS!**

MUITO OBRIGADO, E FELICIDADES A TODOS:

SAIBAM QUE O MUNDO OS ESPERA!